

Corpo-errante do invisível visível: cartografias da cidade-palimpsesto e narrativas dissidentes

Wandering body of the visible invisible: cartographies of the palimpsest-city and dissident narratives

Cuerpo errante de lo invisible visible: cartografías de la ciudad-palimpsesto y narrativas disidentes

Wesley de Alencar Freitas¹

Resumo: Este artigo investiga a cidade contemporânea como um palimpsesto territorial, simbólico e sensível, no qual diferentes temporalidades, memórias, corpos e narrativas se sobrepõem, disputam visibilidade e produzem modos distintos de habitar o espaço urbano. Articula as contribuições de Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Suely Rolnik, Paola Berenstein Jacques, dentre outros. Metodologicamente, compreende-se a cartografia como acompanhamento de processos e como política da narratividade, na qual o corpo do pesquisador constitui-se simultaneamente como dispositivo de atenção e território de inscrição. Argumenta-se que a errância produz territorialidades provisórias e narrativas imagéticas capazes de tensionar regimes hegemônicos de visibilidade da cidade.

Palavras-chave: Errância urbana; Palimpsesto urbano; Narrativas dissidentes.

Abstract: This article investigates the contemporary city as a territorial, symbolic, and sensory palimpsest in which different temporalities, memories, bodies, and narratives overlap, vie for visibility, and produce distinct ways of inhabiting urban space. It draws upon the contributions of Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Gilles Deleuze and Félix Guattari, Suely Rolnik, and Paola Berenstein Jacques, among others. Methodologically, cartography is understood as the tracing of processes and as a politics of narrativity, wherein the researcher's body serves simultaneously as a device for attention and a territory of inscription. It is argued that wandering produces provisional territorialities and imagistic narratives capable of challenging hegemonic regimes of urban visibility.

Keywords: Urban wandering; Urban palimpsest; Dissident narratives.

Resumen: Este artículo investiga la ciudad contemporánea como un palimpsesto territorial, simbólico y sensible, en el que diferentes temporalidades, memorias, cuerpos y narrativas se superponen, disputan visibilidad y producen modos distintos de habitar el espacio urbano. Articula las contribuciones de Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Gilles Deleuze y Félix Guattari, Suely Rolnik y Paola Berenstein Jacques, entre otros. Metodológicamente, se entiende la cartografía como acompañamiento de procesos y como política de la narratividad, en la que el cuerpo del investigador se constituye simultáneamente como dispositivo de atención y territorio de inscripción. Se argumenta que el vagar produce territorialidades provisionales y narrativas imagéticas capaces de tensionar los regímenes hegemónicos de visibilidad de la ciudad.

Palabras clave: Vagabundeo urbano; Palimpsesto urbano; Narrativas dissidentes.

Pórtico — errar para ver a cidade

A cidade é, antes de tudo, linguagem. Uma linguagem fragmentária, cheia de sobreposições, ruídos, apagamentos e reescritas. Como num palimpsesto, o novo nunca se impõe de forma pura: sempre há vestígios do passado por baixo da superfície visível. Cada

¹ Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

rua, edifício, muro ou ruína urbana carrega mais do que sua função atual, ela carrega camadas de história, de desejo, de esquecimento.

Deixamos acordado que a nossa intenção nesse texto, é uma abordagem em que a cidade ultrapassa as fronteiras dos muros, das limitações materializadas. Ela chega na ideia de que a cidade não se trata, somente, de um espaço territorial (perspectiva geográfica), mas sim de toda a sociedade que habita esse espaço estrutural e arquitetônico. Os habitantes são cidades, que trazem consigo todas as suas memórias, histórias, experiências, vivências, narrativas... em um processo não engessado, mas em um campo metafórico de metamorfose. Assim, o corpo-cidade é o corpo do habitante desse espaço, que se propõe a se metafigurar em um corpo coletivo.

Desse modo, compreendemos que em uma perspectiva contemporânea, o conceito de cidade pode ser compreendido como um espaço simbólico, constituído por afetos, relações de poder e produção de sentido. Assim, o corpo-cidade se estabelece da relação, do encontro do corpo do habitante com o corpo da cidade, fluindo em uma leitura fenomenológica e simbólica, onde esses corpos se entrelaçam, se atravessam, afetando e sendo afetado de modo contínuo e complexo, criando uma estrutura que estabelece os ritmos de vida, os hábitos, os afetos, os desejos...

O corpo do habitante ao andar pelas ruas, se funde ao espaço, registrando, em ambos, sua memória, seus cheiros, texturas, sons etc., e é nesse ponto que o habitante se reconhece, se desloca, se afeta, se constitui, cria, desenvolve, entre outras possibilidades.

Ao olhar para a cidade, é possível perceber nela as frestas que possibilitam nos entender como parte de uma arquitetura social, política, econômica e cultural. Assim, compreendemos que as cidades são organizadas e estruturadas por meio de um sistema violento e opressor, considerando as submissões aos estereótipos e segregações oriundas de subdivisões e categorizações impostas. Assim, entendemos que, com a errância urbana, é possível realizar ações interventivas e performativas que atuem de modo estratégico para se provocar um enfrentamento político, social e histórico, de frente a um poder que tem ao longo dos anos silenciado, censurado, oprimido e violentando comunidades da sociedade, operacionalizado por meio de uma necropolítica que tem buscado disseminar corpos dissidentes.

Existe uma certa restrição dos possíveis para a cidade. Nas vias públicas não cabe todo mundo ou melhor não cabe todo mundo usufruindo igualmente. A distribuição da violência, do privilégio e do poder não é equânime, os corpos vão sendo distribuídos no espaço urbano através de uma “cartilha social” historicamente tramada em silêncio e seletividade. Há no projeto urbanístico (físico e simbólico) de cada cidade, principalmente no recorte do Brasil, uma certa tentativa (impositiva) de maquinar as diferenças sociais através do

pagamento histórico, da meritocracia capitalista, da naturalização dos “costumes” e da cotidianização da “violência-mínima”, sobre certos corpos para a manutenção da “ordem e do progresso” (Freitas, 2019, p. 12).

Nesta lógica, percebe-se uma tentativa de apagamento e silenciamento dos corpos dissidentes e suas narrativas que contrapõe o discurso de uma sociedade hegemônica com fortes traços racistas, homolesbotransfóbicos, misógino, capacitista etc., que precisam estar pautadas e discutidas em diversos espaços e comunidades da sociedade.

Mediante a tudo o que até agora foi explicitado e com as experiências vividas anteriormente a escrita deste texto, faço-me algumas questões: o que acontece quando a cidade é praticada por um corpo que se dispõe a caminhar sem se objetivar no ato de chegar a um lugar planejado? O que pode ser percebido quando a errância deixa de ser compreendida como desorientação e passa a constituir um procedimento de atenção, uma forma de habitar e um modo de produzir narrativa? E, sobretudo, de que maneira esse corpo em deslocamento participa da produção de territorialidades, reinscrevendo no espaço urbano memórias e experiências que determinados regimes de visibilidade procuram marginalizar?

O objetivo não se dá na justaposição de autores, mas fazê-los trabalhar em torno de uma rede que nos é caro nesta pesquisa: como corpo, território, cartografia e narrativa se coproduzem na experiência com a cidade.

Território em movimento: territorialidades, fluxos e habitantes

Pensar em Território a partir da abordagem de Deleuze, Guattari e Rolnik é pensar num campo dinâmico, afetivo e relacional. Trata-se de uma construção existencial e sensível, nos conduzindo a pensar acerca de pertencimento e identidade, não em um plano fixo, porém passando por processo de desterritorialização e reterritorialização, trazendo novas formas de organizações em um movimento constante de transformações, ou poderíamos poeticamente dizer, se metamorfoseando, em uma potente produção de sentidos e subjetividades.

O território pode ser um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ela é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari, Rolnik, 2007, p. 388).

Assim, trata-se de uma proposição provocativa de promover atravessamentos e/ou

resgatar a relação do corpo do sujeito com o corpo da cidade, entendendo a complexidade que há nesses espaços corporificados e o quanto eles estão preenchidos por memórias, lembranças e narrativas. É nesse processo relacional, onde se atravessam narrativas (sujeito e espaço), que começa a se promover o que chamamos de territorialidade. Com isso, entendemos que esse processo expandido origina um processo criativo, não na representação, mas na subjetivação que estreita os laços por meio de alianças constituídas em um processo fluido, misturando sujeito e espaço como escritores e narradores.

Valoriza-se a proposta de habitar a cidade para que assim possam ser geradas narrativas outras, em uma prática com as errâncias urbanas (Jacques, 2006), em que o errante se desterritorializa para reinventar os espaços nos seus cotidianos e em sua corporeidade, onde a cidade não é mais tida como um cenário, traçando uma relação de incorporação com o errante e contrapondo a ideia de espetacularização das cidades contemporâneas.

Michel de Certeau (2008), ao refletir sobre o ato de caminhar, afirma que os passos dos transeuntes são “frases” escritas no chão da cidade. Ao andar, o sujeito se inscreve no espaço e o lê, e traduz, o inventa. Segundo o autor, “Caminhar é escrever”.

Walter Benjamin, por sua vez, nos oferece a figura do *flâneur*: o sujeito que vaga pela cidade observando-a como espetáculo. O *flâneur* é um leitor do urbano moderno, alguém que se deixa afetar pelas vitrines, pelas ruínas, pelas multidões. Posteriormente, Guy Debord (1958) retoma e radicaliza essa ideia ao propor a “*dérive*” (deriva) situacionista: uma forma de errância que busca revelar as forças psicogeográficas da cidade e desprogramar o espaço urbano disciplinado.

A errância é, assim, uma prática crítica. Ela não apenas observa o palimpsesto urbano, mas o reativa e reinscreve novos sentidos a partir da experiência sensível do caminhar.

Aqui, abrimos uma janela para fazer um diálogo com o conceito de palimpsesto. Originalmente era um pergaminho reutilizado, no qual se raspava o texto anterior para reescrever um novo. O novo texto, porém, não apagava completamente o anterior, considerando que se mantinham resíduos, traços, sombras etc. Paul Ricoeur (2007) traz em sua abordagem o entendimento de que o esquecimento não é apagar, mas é um processo de se escrever por cima.

A cidade, como espaço histórico e político, funciona da mesma forma: o passado não desaparece, mas é reescrito constantemente. O conceito de palimpsesto urbano implica entender o espaço como estratificado, com narrativas sucessivas que se cruzam, se sobrepõem e se disputam. Ítalo Calvino (2017), em “As cidades invisíveis”, escreve: “a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das

bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (Calvino, 2017, p. 14-15).

A arquitetura, os nomes de ruas, os monumentos e os espaços em ruína são textos que resistem ao esquecimento, mesmo quando não são lidos conscientemente.

Pensamos a narrativa imagética como uma estética de combate a uma violência estrutural, entendendo que ao contar e recontar histórias evitamos que elas se percam ou sejam esquecidas, assim como nos propõe Janaina Leite (2017), quando diz que “narramos nossas vidas e ideias de nós como atos de fala que têm como função performar uma imagem de nós mesmos e daquilo que chamamos de passado. [...], mas narramos também para não esquecer. Para não deixar que esqueçam” (p. 9).

Brighenti (2010) propõe a territorologia como campo capaz de analisar componentes, tecnologias, movimentos e efeitos territoriais, compreendendo o território a partir de atos e relações. A contribuição é importante porque desloca a atenção do território como coisa para os processos que o fazem existir. O território acontece por meio de práticas, dispositivos, ritmos, fronteiras, marcações e formas de organização.

Em *Animated Lands*, Brighenti e Kärrholm (2020), nos trazem em suas discussões um aprofundamento dessa perspectiva ao tratar o território como fenômeno vivo e a territorialidade como força ativa e constantemente remodelada. Essa formulação permite compreender a cidade como espaço no qual territorialidades se estabilizam e se desfazem continuamente. Uma praça, por exemplo, não possui um único território. Ela pode ser, em diferentes horários e para diferentes corpos, lugar de passagem, trabalho, lazer, vigilância, encontro, medo, festa ou resistência. Os usos e os ritmos participam de sua constituição territorial.

O corpo errante não se dá com o abandono de um território para entrar em outro. Ele, o corpo-errante, atravessa múltiplas territorialidades e se torna produtor de novas relações entre elas. O desvio modifica a trajetória; a pausa altera o ritmo; o encontro que transforma a percepção; a performance modifica a relação entre corpo e espaço. A errância, assim, não se reduz a uma prática de desterritorialização, mas sim com uma prática de territorialização que produz marcas, alianças, memórias, trajetórias e formas provisórias de pertencimento.

Em vez de considerar o errante apenas como aquele que se desterritorializa para reinventar o espaço, interessa perceber como sua presença participa da produção territorial. A questão deixa de ser: como o sujeito escapa do território? e passa a ser que territorialidade emerge quando esse corpo atravessa, interrompe, registra e reinscreve o espaço?

A noção de territoriante, desenvolvida por Francesc Muñoz, contribui para essa discussão ao deslocar a compreensão do habitante urbano para sujeitos cuja relação com a metrópole se dá

por mobilidades, trajetórias e usos múltiplos. Em seu texto sobre a '*metrópolis de los territoriantes*', Muñoz (2000) discute a mobilidade que é característica de uma cidade movimentada; em *Urbanización* (2008), o mesmo autor analisa a produção de paisagens urbanas comuns e estandardizadas em diferentes contextos. O habitante contemporâneo não se define apenas por uma relação fixa com um lugar, mas por circuitos e práticas que atravessam diferentes territórios.

O territorialiante contribui para o deslocamento da figura do *flâneur* (abordagem de Benjamin) permanece fundamental para pensar a experiência moderna da rua, o olhar atento às multidões, vitrines, ruínas e resíduos. Entretanto, a metrópole contemporânea exige considerar sujeitos que não apenas observam, mas transitam por múltiplas espacialidades, combinando permanências, deslocamentos e usos temporários. O corpo-errante aproxima-se desse sujeito móvel, mas acrescenta-lhe uma dimensão metodológica: trata-se de fazer do deslocamento uma prática de pesquisa e criação.

Territorialização não é somente ocupação; é produção de consistência. Desterritorialização não é simplesmente fuga; é deslocamento de uma configuração. Reterritorialização não é retorno a um lugar original; é produção de outra composição. A errância participa dos três movimentos.

Esse deslocamento conceitual é fundamental para compreender os corpos dissidentes na cidade. O problema não está somente em saber onde esses corpos estão, mas em perguntar quais territórios lhes são acessíveis, quais são interditados, quais práticas de circulação são vigiadas e quais formas de presença são consideradas legítimas. O território também organiza possibilidades de aparecer. Ele distribui acessos, permanências, diversos ritmos, visibilidades e vulnerabilidades.

Cidade-palimpsesto: memória, visibilidade e disputa

Não afirmamos que a cidade pode ser lida, mas dizemos que ela é escrita com os pés, onde cada passo executado pelo errante, torna-se uma forma de reinscrição dos corpos, assim entendendo a cidade-palimpsesto. O caminhar pela cidade, é configurada como uma ação poderosa de movimento, fluxo e continuidade, metamorfoseando os espaços, criando sentidos e enaltecendo memórias individuais e coletivas. Precisamos também considerar a potência das imagens que são presentes no espaço urbano/cidade, como por exemplo, os grafites, ruínas esquecidas, bancos das praças, prédios antigos e arquitetônicos que são valorizados e percebidos de modos outros, pelo errante, tornando a cidade como uma espécie de livro vivo, onde cada

passo é uma inscrição poética.

E é assim que entendemos que o que é no campo da invisibilidade, ganha força e potência poética, política, estética, cultural... o que estava no caminho do apagamento e do silenciamento, agora se reinscreve nos corpos, principalmente nos corpos dissidentes que por muitas vezes estão submetidos a terem suas vozes abafadas ou mesmo caladas, mas dispõem os seus corpos em um enfrentamento ao sistema hegemônico que governa e conduz a nossa sociedade.

A articulação entre palimpsesto e errância nos permite compreender a cidade como espaço de múltiplas camadas e potencialidades. O caminhar errante não é fuga, mas encontro: com o passado, com o outro, com o invisível que persiste.

A cidade só se revela a quem a lê com o corpo inteiro. E essa leitura sensível, poética e política é, talvez, uma das formas mais radicais de habitar o mundo hoje. Habitar e praticar a cidade revela as invisibilidades narrativas que a imagem da cidade nos promove e provoca. O que a cidade nos conta? Como o ato de habitá-la produz camadas de outras narrativas possíveis sobre o ser e existir, ocupar e territorializar... o que há por trás dos concretos, dos aços, das madeiras etc.?

A relação sujeito e cidade, provoca e promove alertas, denúncias, discussões e debates que emergem de uma prática da cidade, considerando e destacando as diversas demandas e problemáticas contemporâneas urbanas que são levantadas a partir desses atravessamentos.

Entendendo os atravessamentos que há entre o espaço urbano (cidade) e os indivíduos que ali habitam ou transitam, percebo aspectos relacionais que se provocam na medida em que essas texturologias (Certeau, 2008) se misturam por meio de micro práticas cotidianas no espaço urbano enquanto possibilidade de pensar o corpo, a memória, o contexto histórico e as narrativas que se tornam coletivas pela prática do espaço.

Há uma latente e potente força no ato de habitar a cidade em outras perspectivas, discutindo e produzindo a partir das questões histórico-socioculturais que permeiam as cidades, pensando em praticar errâncias urbanas em uma busca pelo que revela a cidade por trás dos muros. Pensamos na produção de narrativas imagéticas e discursivas para se pensar nas relações que há entre os centros com as periferias e todos os contextos que narram esses espaços.

Errâncias que revelam o invisível que está por trás dos visíveis, metamorfoseando, modificando, transformando, renovando, criando outras possibilidades narrativas a partir de uma memória individual e coletiva que é contada pela relação sujeito e cidade. habitante e praticante em ação como imagens participantes da composição do que é a cidade, contando narrativas que evocam não um passado saudoso e nostálgico, mas que o faz provocar o presente e perspectivar um futuro. Mais uma vez digo: O que a cidade nos conta? O que nossos corpos contam? O que

conta essa relação de corpos?

Podemos olhar para a cidade enquanto um fenômeno que se desenvolve nos campos histórico, político e estético, marcando uma grande rede complexa que ultrapassa os limites das dimensões materiais. A arquitetura da cidade e todas as suas paisagens (ruas, edifícios, monumentos etc.) constituem apenas uma parte do que é visível em toda a tessitura que compõe o espaço, tendo assim uma camada muito mais ampla que inclui as memórias, afetos, subjetividades e narrativas ocultadas pela lógica dominante, constituindo uma outra tessitura da cidade, que está no campo do invisível. Desse modo, entendemos que a cidade (espaço urbano) não se trata de um arranjo técnico ou mesmo funcional, ela é também entendida e compreendida como um campo de disputas simbólicas e sensoriais, se estabelecendo em um formato de organismo vivo, pulsante, que em todo o momento se reinventa, se reconfigura pelo seu estado também de transitoriedade, movimento em fluxo constante.

Mediante a essa perspectiva sobre o que vem a ser a cidade, pensamos que a cidade se estabelece como um corpo sensível que é, simultaneamente, suporte e sujeito, pele e víscera, estrutura e fluxo. Assim como temos falado durante todo esse estudo, habitar a cidade é se inscrever nela, tornar-se participante dela, praticá-la deixando marcas nela ao mesmo passo em que somos atravessados por ela. Assim, mais uma vez, a destacamos como um palimpsesto, onde o que é visível e o que é invisível acabam se entrelaçando em camadas de tempo, memória e experiência.

O autor Henri Lefebvre (1991), dedicou parte dos seus estudos para pensar o espaço urbano e os contextos socioculturais que se dão nessa relação, de habitantes e espaços. Ele afirma em suas obras que o espaço não possui neutralidade e não se finda em seus aspectos físicos, mas sim que a cidade se trata de um produto social, reafirmando tudo o que vemos discorrendo nesse texto. Lefebvre enfatiza o espaço como um campo de intensa dimensão política, histórica e simbolismo, produzindo uma grande diversidade de práticas sociais que são visibilizadas a partir das relações de poder e processos econômicos que estruturam todo o sistema da arquitetura das cidades.

Entendendo essas relações de poder, podemos afirmar que o que está visível na cidade também é o que foi atravessado por esse projeto/sistema de poder. Assim, como falamos no início desse estudo, as cidades são planejadas de modo em que se revela uma ordem social que acaba por privilegiar determinados grupos e interesses, potencializando e fortificando todo o sistema de poder dominante que tem regido as cidades. Já no que diz respeito ao que está invisível nas cidades, é manifestado nas ruas, nas periferias, nos becos, nas práticas informais, nas memórias silenciadas e nas narrativas dos sujeitos dissidentes, que são os que resistem a todo

esse sistema hegemônico.

Reforçando então o que temos falado, a cidade é um lugar de intensa e complexa disputa, espaço de conflitos, de tensões entre o que quer se mostrar e o que se tenta esconder. Com os estudos de Henri Lefebvre, somos conduzidos a um entendimento de que o que está visível no espaço urbano são os grandes monumentos e/ou arquiteturas que por sua vez, tentam invisibilizar as questões estruturais sociais como a pobreza, a desigualdade social, a segregação espacial, dentre outras demandas e urgências contemporâneas.

Mediante a todas essas questões, lembramos da ideia de rizoma trabalhado por Deleuze e Guattari (1995) e do conceito das linhas de fuga também abordados por eles. Com esses conceitos também podemos pensar e estudar a cidade ultrapassando os limites de uma organização aparente. Compreendendo o rizoma como um sistema aberto, múltiplo, sem hierarquias fixas e que se expandem em diversas direções, podemos olhar para a cidade como uma grande rede de devires fluxos e intensidades, que não se limitam nas sistematizações de planos e mapas.

Traçando esse diálogo, entendemos que o que está no campo do visível das cidades, está organizado pelo que se chama de linhas duras, que são os monumentos, edifícios, planejamentos, regulamentações, enquanto o que está no campo do invisível se expressa no que chamamos de linhas de fuga que se dá por meio das práticas cotidianas espontâneas, com as resistências micropolíticas, com os encontros que são inesperados e até com intervenções artísticas que desestabilizam a ordem, desse modo demonstrando que a cidade não se finda com o que é visto comumente, mas também com tudo aquilo que se sente, se imagina, se inventa ao praticarmos a cidade e a habitarmos.

Assim, quando falamos do corpo sensível da cidade, estamos nos referindo a um processo rizomático, compondo com as suas redes afetivas, conexões sutis e com os movimentos subterrâneos que atravessam o espaço urbano.

O que está invisível nas cidades, no espaço urbano, se dá com o que escapa a lógica da visibilidade, ou seja, se dá nos modos de subjetivação, nos gestos cotidianos e nas experiências sensíveis, estabelecendo-se como um território de afetos e de micropolíticas (Rolnik, 2018). Pensando nessa rede conectiva e nos atravessamentos que são originados e desenvolvidos nela, entendemos que o contato do corpo-humano com o corpo-cidade, produzi forças em um fluxo de afecções.

O invisível está na memória que há por trás do concreto, está na memória social e coletiva. São narrativas que não se expressam no imediatismo, elas requerem um tempo, uma pausa, uma nova forma de habitar, estar e ser cidade. A atuação do que está invisível, se dá de

modo silencioso, porém como uma grande potência no que tange à constituição do espaço.

Falando em corpos, em habitar a cidade e nas relações que se estabelecem nesse processo rizomático, penso que a presença e movimentação dos corpos no espaço urbano, acaba por produzir significados outros do que são convencionalmente estabelecidos, assim trazendo uma perspectiva do espaço urbano enquanto um espaço performativo, que por vezes tem parte de suas tessituras visibilizadas por meio de intervenções artísticas urbanas.

Desse modo, pensar em performance urbana, como possibilidade de intervenção urbana, é também pensar em uma potência de fissura que rompe com uma lógica da visibilidade. Com isso, a cidade se ressignifica, ela não é um palco, mas sim um organismo vivo que se afeta pelas presenças performativas que nele se inscrevem.

Habitar a cidade então é estabelecer uma relação de experiência corporal e sensível, entrelaçando o que é visível e o que é invisível por meio de um processo fenomenológico perceptivo de atravessamentos de memórias, afetos etc.

Mediante a uma racionalidade neoliberal a qual as cidades contemporâneas estão submetidas, se tendem a ser visto e engessado enquanto espaços que são somente funcionais em uma ordem de controle e higienização. Desse modo, pode-se notar que o que está no campo da visibilidade no espaço urbano, passa por um processo contínuo de produção e reprodução, que potencializa os interesses hegemônicos que estão engajados no apagamento de narrativas, de sujeitos e de experiências dissidentes. Porém, é importante pensar e propor práticas de habitar a cidade como meio de escape ao controle e que se reconfiguram em toda a experiência urbana.

Partimos de uma hipótese que considera que a errância, pode e se instaura enquanto uma prática de resistência sensível, estética e poética, frente a essa homogeneização do espaço urbano. Considera-se que ao praticar a errância, o sujeito acaba por deslocar-se no percurso em uma escuta sensível, cheia de fissuras e histórias silenciadas e das texturas e camadas afetivas que se manifestam por detrás dos concretos, amplificando o entendimento da cidade, tratando-a também como um corpo.

Lefebvre (1991) traz o entendimento de que a produção do espaço não se trata de um processo neutro, mas sim como uma produção complexa no que tange ao campo ideológico e social. Dentro dessa homogeneização, da qual tanto temos falado, podemos reafirmar que as produções nos espaços urbanos costumam se sistematizar a partir de interesses que visam controle, a reprodução do capital e a exclusão do que diverge das normas hegemônicas, assim acabando por suprimir memórias, narrativas e experiências que estão ligadas a comunidades marginalizadas com marcas históricas que sofrem contantes ataques e tentativas de apagamentos

ou estetização seletiva em nome de uma necropolítica.

Dialogando com Michel de Certeau (2008), ao praticarmos a cidade cotidianamente, faz-se possível reintroduzir o que está indizível na cidade, no espaço urbano. Ações vistas em uma aparência banal, como caminhar, narrar, desviar, atuam como modos de reinscrição poética e política do espaço urbano, tratando o espaço como os passos do corpo e propondo também o que chamados de corpografias urbanas (Jacques; Britto, 2008) mediante a uma articulação com a ideia de experiência entendendo que o termo se relaciona com o entendimento da memória urbana no corpo, como registro de sua experiência da cidade. E olhando para o espaço urbano com um olhar poético compreendendo: “[...] a relação inevitável entre o corpo físico e o corpo da cidade que se dá através da errância, através da própria experiência – do se perder, da lentidão, da corporeidade – do espaço urbano, algo simples, porém imprescindível, para possibilitar uma outra forma de percepção ou apreensão da cidade” (Jacques, 2006, p. 134).

Assim, amplificando o diálogo entre sujeito e cidade/espaço urbano e os modos de habitá-la e praticá-la. Ampliando os diálogos, trazemos Walter Benjamin que traz o *flâneur* enquanto modo de entendimento de subjetividade que resiste a aceleração e a alienação. Ele, o *flâneur* é a figura que observa a cidade em uma perspectiva de deriva sensível que potencializa o que acaba as lógicas da produção, como ruínas e rastros, e é isso o que nos faz entender a cidade como um palimpsesto.

Aqui apontamos para a definição de cidade-palimpsesto abordado por André Corboz (2001), que a define como uma diversidade de camadas de tempo que coexistem (assim como temos falado no decorrer deste texto das ruínas, apagamentos, reconstruções, vestígios e reinterpretações) e espaço onde a errância praticada, atua como um gesto de escavação, que torna visível as camadas e tessituras que são invisibilizadas pelo sistema hegemônico que tem regido os espaços urbanos.

Importante destacar e mencionar que a prática da errância, se dá em modos existenciais, ultrapassando o viés geográfico da experiência. A prática da errância abre espaço para o acaso e para o desvio, promovendo possibilidades outras que desautomatizam a relação do espaço urbano e o próprio corpo dos sujeitos, dando-se assim um deslocamento ontológico, onde o sujeito se torna aberto para tudo aquilo que se abre e disponibiliza nas relações, revelando as subjetividades do espaço.

Considerações — da errância à reinscrição

A articulação entre palimpsesto e errância nos permite compreender a cidade como

espaço de múltiplas camadas e potencialidades. O caminhar errante não é fuga, mas encontro: com o passado, com o outro, com o invisível que persiste.

A cidade só se revela a quem a lê com o corpo inteiro. E essa leitura sensível, poética e política é, talvez, uma das formas mais radicais de habitar o mundo hoje.

Habitar e praticar a cidade revela as invisibilidades narrativas que a imagem da cidade nos promove e provoca. O que a cidade nos conta? Como o ato de habitá-la produz camadas de outras narrativas possíveis sobre o ser e existir, ocupar e territorializar... o que há por trás dos concretos, dos aços, das madeiras etc.?

A relação sujeito e cidade, provoca e promove alertas, denúncias, discussões e debates que emergem de uma prática da cidade, considerando e destacando as diversas demandas e problemáticas contemporâneas urbanas que são levantadas a partir desses atravessamentos.

Entendendo os atravessamentos que há entre o espaço urbano (cidade) e os indivíduos que ali habitam ou transitam, percebo aspectos relacionais que se provocam na medida em que essas textuologias (Certeau, 2008) se misturam por meio de micro práticas cotidianas no espaço urbano enquanto possibilidade de pensar o corpo, a memória, o contexto histórico e as narrativas que se tornam coletivas pela prática do espaço.

Há uma latente e potente força no ato de habitar a cidade em outras perspectivas, discutindo e produzindo a partir das questões histórico-socioculturais que permeiam as cidades, pensando em praticar errâncias urbanas em uma busca pelo que revela a cidade por trás dos muros. Pensamos a produção de narrativas imagéticas e discursivas para se pensar nas relações que há entre os centros com as periferias e todos os contextos que narram esses espaços.

Errâncias que revelam o invisível que está por trás dos visíveis, metamorfoseando, modificando, transformando, renovando, criando outras possibilidades narrativas a partir de uma memória individual e coletiva que é contada pela relação sujeito e cidade. habitante e praticante em ação como imagens participantes da composição do que é a cidade, contando narrativas que evocam não um passado saudoso e nostálgico, mas que o faz provocar o presente e perspectivar um futuro. Mais uma vez digo: O que a cidade nos conta? O que nossos corpos contam? O que conta essa relação de corpos?

Referências

BRIGHENTI, Andrea Mubi. On territorology: towards a general science of territory. **Theory, Culture & Society**, v. 27, n. 1, p. 52-72, 2010. DOI: 10.1177/0263276409350357. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRIGHENTI, Andrea Mubi; KÄRRHOLM, Mattias. **Animated lands**: studies in territoriology. Lincoln:

University of Nebraska Press, 2020.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBOZ, André. A cidade como palimpsesto. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 94-116, 2001.

DEBORD, Guy. Théorie de la dérive. **Internationale Situationniste**, n. 2, p. 19-23, 1958.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FREITAS, Eduardo Bruno. Você pode saber disso e nunca ter pensado nisso. In: FREITAS, E. B. (org.). **Imaginários urbanos: performance entre público e privado**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019, p. 11-17.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006, p. 117-139.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (org.). **Paisagens do corpo: cadernos PPGAU-FAUFBA**. Salvador: Edufba, 2008, p. 79-86.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2017.

MUÑOZ, Francesc. La ciudad multiplicada, la metrópolis de los territoriantes. **Arquitectura: Revista de Arquitectura y Urbanismo**, v. 322, p. 66-73, 2000.

MUÑOZ, Francesc. **Urbanización: paisajes comunes, lugares globales**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Sobre o autor

Wesley de Alencar Freitas: Ator, dançarino, intérprete criador, produtor, professor e pesquisador. Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Artes pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE) com linha de pesquisa em processos de criação em Arte. Especialista em Artes com área de conhecimento na educação, pela Faculdade Vale Nova do Imigrante (Venda Nova do Imigrante ES). Graduado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) no curso de Licenciatura em Teatro. Possui formação em Dança pelo Curso Técnico em Dança (Porto Iracema das Artes, Instituto Dragão do Mar, SESC/SENAC). Foi bolsista de Iniciação à Docência PIBID/CAPEs. Atuou como aluno-pesquisador junto ao Grupo de Pesquisa e Extensão Poéticas do Corpo (IFCE/CNPq), com a orientação da Professora

doutora Mônica Braga Marçal Dominé. Foi integrante do grupo de pesquisa e Extensão Mira Ira no Instituto Federal do Ceará. Trabalhou como educador e assistente de educativo no Museu de Arte Contemporânea do Ceará (2011-2013). Desde 2009 atua como artista e docente em grupos de teatro e Cia de Dança na cidade de Fortaleza. Trabalhou como professor contratado na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) nos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Dança. Integra como pesquisador no Grupo de Pesquisa Poéticas e Educação em Dança (GPPED) - CNPq, tendo como líderes do grupo as professoras doutoras Christiane Guimarães de Araújo e Rosana Baptistella, atua na linha de pesquisa Corpo, Leitura e Memória coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baptistella. Pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho), vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do professor doutor Carlos Rodrigues de Amorim. Atualmente é bolsista de doutorado CNPq.

E-mail: w205770@dac.unicamp.br

Recebido em: 03 set. 2026

Aprovado em: 27 set. 2026